


A Micro-história no estudo das administrações trabalhistas em Pelotas (1951-1955/1959-1963)

Micro-history in the study of labor administrations in Pelotas (1951-1955 /1959-1963)

Daniel de Souza Lemos

 <https://orcid.org/0000-0003-3671-5203>
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de apresentar e analisar alguns elementos constituintes da Micro-História, bem como uma possível definição da mesma. Tal propósito terá como embasamento teórico autores pertencentes, e alguns fundadores, de tal campo historiográfico, como Revel (1998), Lepetit (1998), Ginzburg (2002 e 2014), Barros (2007), Lima (2012), Levi (2011 e 2015) e Giulli (2017), entre outros. Ainda, ao tratar de elementos como redução de escala, narrativa, descrição densa e contexto busca-se relacionar tais perspectivas com a pesquisa empírica sobre as administrações Trabalhistas em Pelotas nas décadas de 1950 e 1960. O que um olhar em escala reduzida sobre os trabalhistas pelotenses pode enriquecer o que já se sabe sobre os trabalhistas no Rio Grande do Sul e no Brasil? Ainda busca-se responder a seguinte questão: Em que medida é válido e recomendável aplicar a Micro-história para melhor explorar tal objeto de pesquisa? Para isso foi realizada uma revisão bibliográfica do campo teórico e uma pesquisa inicial em fontes primárias sobre os trabalhistas.

Palavras-chave: Micro-História. Escala. Trabalhistas.

Abstract: This article aims to present and analyze some constituent elements of Micro-History, as well as a possible definition of it. Such purpose will have as theoretical basis authors belonging, and some founders, of such historiographic field, as Revel (1998), Lepetit (1998), Ginzburg (2002 and 2014), Barros (2007), Lima (2012), Levi (2011 and 2015), Giulli (2017), among others. Still, when dealing with elements such as reduction of scale, narrative, dense description, and context, we seek to relate these perspectives to the empirical research on Labor administrations in Pelotas in the 1950s and 1960s. What can a small-scale look at Pelotan laborers enrich what is already known about labor in Rio Grande do Sul and Brazil? It still seeks to answer the following question: To what extent is it valid and recommended to apply Microhistory to better explore such an object of research? For this, a bibliographic review of the theoretical field and an initial research on primary sources about labor were carried out.

Keywords: Micro-History. Scale. Labor.

Introdução

O presente artigo tem o objetivo de apresentar e analisar alguns elementos constituintes da Micro-História, que é um método de análise, bem como uma possível definição da mesma. Tal propósito terá como embasamento teórico autores pertencentes, e alguns fundadores, de tal campo historiográfico, como Revel (1998), Lepetit (1998), Ginzburg (2002 e 2014), Barros (2007), Lima (2012), Levi (2011 e 2015) e Giulli (2017), entre outros.

Ainda, ao tratar de elementos como redução de escala, narrativa, descrição densa e contexto busca-se relacionar tais perspectivas com a pesquisa empírica – que faz parte de um projeto de tese em andamento – sobre as administrações Trabalhistas em Pelotas nas décadas de 1950 e 1960. Em que medida é válido e recomendável aplicar a Micro-história para melhor explorar tal objeto de pesquisa?

O que um olhar em escala reduzida sobre os trabalhistas pelotenses pode enriquecer o que



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

já se sabe sobre os trabalhistas no Rio Grande do Sul e no Brasil, visto que em tal período de tempo (1951-1955) os trabalhistas Getúlio Vargas governava o Brasil, Ernesto Dornelles governava os gaúchos e, primeiramente, Mário Meneghetti administrava Pelotas. Depois (1959-1963) o Brasil vivenciou os governos de Jânio Quadros e João Goulart (PTB), o Rio Grande do Sul era governado por Leonel Brizola (PTB) e Pelotas era administrada por João Carlos Gastal (PTB).

A compreensão de todo esse contexto de ascensão do trabalhismo pode representar um acréscimo ao conhecimento sobre o período da História de Pelotas, que ainda não foi escrito, ou seja, que ainda não possui a sua história. E o método de análise que é a Micro-história pode ter algo a contribuir com este tema, a partir de uma análise que irá olhar para as redes sociais e conexões entre as escalas, referente aos trabalhistas pelotenses e seus correligionários na esfera estadual e nacional, a partir de suas articulações.

Em busca de um conceito de Micro-História

Existem variadas e diferentes explicações a respeito do que é a Micro-História. Versões, por vezes conflitantes, e até antagônicas. Logo, é preciso definir sobre qual Micro-História se fala. Lima (2012) se refere à Micro-História ligada à História social italiana dos anos 1970 e 1980, embora já se tenha esse tipo de produção historiográfica desde os anos 1950, na França.

As características mais marcantes da Micro-História estão voltadas para as temáticas desse campo. As palavras de Lima apontam alguns exemplos:

[...] a história da família e da comunidade, bem como as inovações no campo da demografia histórica, a aproximação entre a história e a antropologia, o interesse pelo folclore e a cultura material, e, também, a temática então recentíssima da história oral; atenção sobre os grupos sociais subalternizados e marginalizados, presentes em números monográficos sobre o mundo camponês e as religiões populares, a história das mulheres e das minorias religiosas, a história do crime. (LIMA, 2012, p. 211).

Ainda do mesmo texto, destaca-se outro aspecto, mas presente na obra de Ginzburg, que é “O estudo de um caso singular havia permitido a Ginzburg explorar e redefinir um problema historiográfico muito mais amplo” (LIMA, 2012, p. 215). Entender um tema amplo a partir de um caso menor, singular.

Barros (2007) reafirma essa característica da Micro-História: “O que a Micro-História pretende é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos” (BARROS, 2007, p. 169). Conforme o mesmo autor “a Micro-História propõe a utilização do microscópio ao invés do telescópio” (BARROS, 2007, p. 170).

Edoardo Grendi foi o historiador que mais precocemente teorizou a respeito da micro-História, apesar de ser pouco conhecido fora da Itália, em relação a Giovanni Levi e a Carlo Ginzburg. Estes, além disso, têm as suas obras mais difundidas nos meios universitários, especialmente da América, do Sul ou do Norte. A obra de Grendi, por outro lado, ainda é pouco estudada. Um aspecto que parece dificultar sua popularização está ligado à linguagem difícil que utiliza em seus trabalhos, à sua atuação discreta, pois evitava as entrevistas e, por fim, seus interesses de pesquisa voltados à história local, especialmente sobre a República de Gênova.

Um aspecto importante da prática intelectual de Grendi é o seu interesse pelas Ciências Sociais (no Brasil Ciências Sociais é um campo que abrange a Sociologia, a Ciência Política e a Antropologia). Ainda, destaca-se sua parceria com Hobsbawm, em estudos sobre a industrialização na Inglaterra, e o seu olhar atento, e crítico, a obra de Edward P. Thompson, que chegou a debater. Grendi tinha uma perspectiva mais ampla das Ciências Sociais e fazia uso dos saberes de outras ciências como: geografia, economia, demografia e etnologia.

Grendi com a publicação do artigo “Micro-analisi e storia sociale” (1977), que usa o prefixo “micro” para fazer uma metáfora com o uso de um microscópio para, a partir de uma redução da

escala analítica de observação dos comportamentos sociais, realizar o trabalho do historiador. Este artigo é considerado um “manifesto” da proposta micro-histórica italiana (GIULLI, 2017). Outro fato relevante da atuação de Grendi refere-se à importância que deu ao ensino da História, e a divulgação da produção científica dela, na perspectiva da Micro-História.

O debate sobre a Micro-História não é marcado pela presença de textos teóricos que tratem do tema. Pois a Micro-História é compreendida, predominantemente, como uma prática, um método, e os historiadores que com ela se identificam, possuem referenciais teóricos variados (LEVI, 2011). E, costumam promover intercâmbios com as Ciências Sociais, especialmente a Antropologia e a Sociologia (LEVI, 2011).

No entanto, o próprio Levi, em artigo publicado no Brasil em 2016 afirma que foi pelo menos autor de um manifesto da Micro-história: “em 1980-81, nascia a coleção ‘Microstorie’, da editora Einaudi, com breve manifesto que levava a minha assinatura, mas que era o produto de uma discussão com outros, antes de tudo com Ginzburg, que dirigiu a coleção comigo durante algum tempo” (LEVI, 2016, p. 21).

No mesmo artigo, o historiador italiano também apresenta uma espécie de definição de Micro-história:

Nesse sentido, *Microstorie* é, antes de tudo, uma tentativa de narrar sem esconder as regras do jogo que o historiador seguiu. Claro, não somente remontando aos documentos – isto faz parte da normal ética profissional. Porém, com a declaração aberta do processo por meio do qual a história foi construída: os caminhos certos e aqueles errados, a maneira pela qual as perguntas foram formuladas e as respostas procuradas (LEVI, 2016, p. 22).

É possível encontrar elementos comuns na produção historiográfica da micro-História, que embora poucos, são elementos constitutivos de tal prática de pesquisa. Pode-se citar como exemplos dessas características comuns a redução da escala de observação, ou seja, a análise microscópica de um material documental e de um objeto de pesquisa (LEVI, 2011). Além de aspectos como a narrativa, a descrição densa e o contexto, que serão tratados especificamente nas próximas seções deste artigo.

Parece haver disparidade na relação teoria-prática, segundo Levi. Pois, a Micro-História é uma prática, na investigação aprofundada das fontes e no que elas têm a dizer. Não havendo a necessidade de se elaborar uma formulação teórica que consiga abarcar o trabalho historiográfico desenvolvido. Portanto, a Micro-História em si não possui uma teoria, já que é acima de tudo uma metodologia.

A atenção maior para a prática do que para a teoria, de acordo com Levi, é consequência da leitura a partir de Geertz, já que segundo o antropólogo (que possui um intenso diálogo com diversos trabalhos de Micro-História) embora a elaboração de conceitos gerais possa ser frutífera. As interpretações acerca da cultura formam possibilidades quase inexistentes de ter algum valor ou contribuição no âmbito externo da pesquisa etnográfica, ou seja, não possuiria uma aplicabilidade geral para outros estudos do que naquele em que a conceituação é gerada.

Assim, é uma postura coerente do italiano dar um maior valor à prática do que à teoria, pois o principal objetivo da abordagem micro-histórica é a análise dos comportamentos, escolhas, atos e símbolos dos indivíduos e suas possibilidades dentro de uma estrutura mais sólida. Isso torna difícil a elaboração de uma teorização (que tem caráter generalizante e aplicável em outras pesquisas), já que cada trabalho utilizando essa metodologia estará tratando e interpretando de um problema específico em um contexto particular.

Levi, ainda, sintetiza a Micro-história em torno de alguns conceitos: “As palavras-chave eram claras: lupa ou microscópio, experimento, contexto, complexidade, escolha, vínculos, interstícios, conflitos, pontos de vista. Uma série de práticas e de métodos ao invés de uma teoria” (LEVI, 2016, p. 24).

Ginzburg e Poni, por sua vez, têm uma definição mais provocativa da Micro-história, e da

história em geral. A “ciência do vivido: uma definição que procura compreender as razões tanto dos adeptos quanto dos adversários da integração da história nas ciências sociais” (GINZBURG; PONI, 1989, p. 178).

Variação da escala da análise

A Micro-História possui conteúdos distintos, não representando um conceito e entendimento homogêneo, Revel (1998, p. 15) cita a historiografia americana e francesa como exemplos de diferentes entendimentos sobre a Micro-história. Um aspecto importante da Micro-História é seu caráter empírico, que não resultou, segundo Revel, em uma escola, mas em uma experiência de pesquisa compartilhada por diferentes historiadores em distintos contextos de pesquisa. Conforme este historiador, “um dos méritos da micro-história é ter colocado, de saída, o problema da variação de escala e dos efeitos cognitivos que podem ser-lhe associados” (REVEL, 2010, p. 438).

O ponto fundamental na caracterização da Micro-História é o que se chama de escala, ou mudança da escala de análise. A mudança ou redução na escala, ao contrário do que pode parecer, visa ampliar o que se tem a dizer sobre o objeto estudado, pretende enriquecer as variáveis do objeto, e não reduzi-las. O propósito da Micro-História, conforme Revel, é alcançar o que a generalização de uma história macro, ampla, não atinge (REVEL, 1998, p. 23). A variação da escala de análise visa fazer o movimento contrário da generalização, busca o particular com intuito de enriquecer o estudo do objeto.

Em outras palavras,

O que está em jogo na abordagem micro-histórica é a convicção de que a escolha de uma escala peculiar de observação fica associada a efeitos de conhecimentos específicos e que tal escolha pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento. Retomando uma metáfora que foi muito utilizada nos últimos anos, variar a focalização de um objeto não é unicamente aumentar ou diminuir seu tamanho no visor, e sim modificar sua forma e sua trama (REVEL, 2010, p. 438).

Um aspecto que está ligado à característica da Micro-história da redução da escala é o experimentalismo. Nesse sentido, a redução da escala serve para que o historiador observe fatores não observados em estudos mais amplos. Levi (2011) utiliza 5 exemplos, em “Sobre a micro-história”, onde a redução de escala foi utilizada com propósitos experimentais. Experimentação, ou experiência, é uma característica do saber científico, que tem entre seus critérios a questão empírica. Logo a redução de escala serve à análise experimental de um objeto.

Levi expõe a relação da Micro-história com a experimentação com as seguintes palavras: “parece-me, [...] que deveríamos discutir o problema da escala não só como aquele da escala da relatividade observada, mas também como uma questão de uma escala variável de observação para propósitos experimentais” (LEVI, 2011, p. 141).

Levi apresenta alguns elementos para definição de escala, “a escala como um objeto de análise que serve para medir as dimensões no campo dos relacionamentos” (LEVI, 2011, p. 139) e “a redução de escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado” (LEVI, 2011, p. 139).

Outra característica da Micro-História é a descrição densa, que talvez seja o elemento de maior aproximação desta com a Antropologia. Levi escreve que “Os escritos antropológicos são trabalhos imaginativos em que a habilidade do autor é medida por sua capacidade de nos colocar em contato com as vidas dos forasteiros” (LEVI, 2011, p. 144). Sendo isso, muito parecido com o esforço que os Micro-historiadores fazem ao aplicar a descrição em suas narrativas.

Por outro lado, é preciso salientar que Antropologia e Micro-História possuem profundas diferenças, inclusive metodológicas. Levi nos ensina que

uma das principais diferenças de perspectiva entre a Micro-história e a Antropologia interpretativa é que a última enxerga um significado homogêneo nos sinais e símbolos públicos, enquanto a

Micro-história busca defini-los e medi-los com referência à multiplicidade das representações sociais que eles produzem (LEVI, 2011, p. 151).

Um terceiro elemento definidor da Micro-História é a importância especial conferida à comunicação com o leitor, ou seja, com a qualidade da narrativa. Embora a pesquisa histórica não se resume à divulgação dos resultados de uma pesquisa.

Levi também propõe a micro-história como um método que está no centro do trabalho do historiador:

É, portanto, o método que está no centro do trabalho dos micro-historiadores. A observação no microscópio de um fato permite fazer novas perguntas que ampliem a nossa compreensão da realidade e que aumente nossos procedimentos cognitivos. Não é uma recusa das grandes narrações, mas tem o mérito de corrigir as suas simplificações e modificar as suas perspectivas e conceitualizações (LEVI, 2016, p. 28).

Contexto

O contexto, do ponto de vista da Micro-História, deve ser compreendido como um conjunto de elementos dotados de lógica própria, complexo, e não simples como pode ser compreendido erroneamente. É um quadro que engloba a pesquisa, porém, pode não ser um único quadro (LEPETIT, 1998, p. 89).

Contexto e narrativa são aspectos da Micro-história que tendem a aparecer juntos, as palavras de LEVI explicam essa parceria: “A descrição densa serve, portanto para registrar por escrito uma série de acontecimentos ou fatos significativos que de outra forma seriam imperceptíveis, mas que podem ser interpretados por sua inserção no contexto, ou seja, no fluxo do discurso social” (LEVI, 2011, p. 144).

Em relação ao conceito, ou aos conceitos de contexto, Levi (2011) apresenta algumas possibilidades. Contexto como local, que modifica significados de um objeto, ou por outro lado, como ponto de descoberta onde um acontecimento é revelado. Ainda, pode ser compreendido como a cultura em que o objeto está imerso, que o torna particular. Por fim, aquele pode ser um ponto de comparação entre objetos.

A narrativa

A crítica de Levi (2011) ao uso retórico da História está ligada à característica da Micro-história, que é a narrativa. Segundo Levi, a “pesquisa histórica não tem a ver apenas com a comunicação dos resultados em um livro” (LEVI, 2011, p. 154), mas com uma questão mais fundamental que é a comunicação com o leitor. A narrativa, então, possui duas características, para Levi: a) tentativa de demonstrar os aspectos do objeto estudado que seriam distorcidos pela generalização; b) incorporar ao corpo da narrativa os procedimentos da pesquisa em si.

Isto significa informar, descrever, como a pesquisa foi se desenrolando, por exemplo, os limites das fontes, as escolhas dos documentos utilizados e dos não utilizados, as lacunas e as dificuldades encontradas na investigação, enfim, dialogar com o leitor de modo a aproximá-lo da pesquisa e do texto.

Levi (1998) faz uma relação do trabalho do Historiador com o do investigador policial, onde o texto histórico é comparado ao relatório da investigação, porém neste, o texto – e a linguagem – deve ser objetivo, simples, de modo que o resultado do inquérito seja compreendido rapidamente. Por outro lado, o resultado da pesquisa histórica não pode, nem deve ser transmitido de maneira resumida, principalmente para que sejam evitadas as simplificações. A maneira como o historiador deve apresentar o resultado da pesquisa precisa ser rico nos detalhes, expor a complexidade do assunto, realizar observação minuciosa. Logo, a retórica tem um papel importante na produção historiográfica, e o historiador precisa dominar essa ferramenta para não simplificar o contexto

histórico e, pior, não chegar a generalizações equivocadas.

Levi (1998) busca um exemplo de generalização com vários problemas na obra de Braudel, especialmente “Civilização material, economia e capitalismo”. Apesar de um volumoso trabalho, na percepção de Levi, Braudel apresenta de maneira bastante simplificada o “mundo social” do Mediterrâneo, especialmente no que se refere às contradições entre ricos e pobres. Ainda, Braudel demonstra “uma concepção demasiado mecânica dos fenômenos de difusão cultural entre países, bem como entre camadas ou grupos sociais” (LEVI, 1998, p. 205). Essa obra de Braudel torna-se menos convincente – no entender de Levi – quando o autor de o Mediterrâneo trata de transformações sociais, ao trabalhar com “transmissão e difusão” e “a inovação e a evolução”, as generalizações consequentes desses temas não caíram bem aos olhos do micro-historiador italiano.

Ginzburg (2002), por sua vez, defende que a retórica, ela própria carrega consigo uma espécie de verdade dos fatos, baseada então em provas. Inclusive a retórica utilizada no discurso histórico é repleta de provas, mesmo que estas atuem como mentiras, como falseamento da verdade.

Ao longo da introdução do livro *Relações de Força* (2002), Ginzburg discorre fartamente sobre uma linha de pensamento que relativiza a verdade e a prova, primeiramente usando o exemplo de Tucídides e da sua história da Guerra do Peloponeso, que apresenta como discurso de verdade a versão do vencedor da guerra. Posteriormente, Ginzburg trata longamente do pensamento irracionalista, e profundamente cético, de Nietzsche que abdica do conceito de verdade, numa postura niilista que concebe a existência humana sem sentido, portanto, sem verdade. Ginzburg encontra a influência de Nietzsche no pensamento pós-moderno. E conclui, ainda, abordando a retórica de Aristóteles, fundada na dialética, que reconhece a verdade como grega.

No artigo “Seu país precisa de você” (2014), Ginzburg prioriza a retórica na apresentação do texto, dos dados e da interpretação. Os elementos que comprovam suas afirmações são jogados para as notas, que estão no final do livro, separadas conforme os capítulos. O autor priorizou o texto mais fluido, sem as interrupções das referências de onde retira uma ou outra informação e, portanto, as respectivas interpretações. O uso das imagens ao longo do artigo tem o sentido de ilustrar, e também amparar suas opiniões, conferindo legitimidade aos seus argumentos. Contribuindo para uma melhor desenvoltura retórica.

Retornando a Levi, este resume a função da narrativa a partir de duas características centrais:

A primeira é a tentativa de demonstrar, através de um relato de fatos sólidos, o verdadeiro funcionamento de alguns aspectos da sociedade que seriam distorcidos pela generalização e pela formalização quantitativa usadas. [...] A segunda característica é aquela de incorporar ao corpo principal da narrativa os procedimentos da pesquisa em si, as limitações documentais, as técnicas de persuasão e as construções interpretativas (LEVI, 2011, p. 155).

Em relação à retórica, para Levi, a Micro-História era exatamente uma reação contra a retórica na História – que seria em si somente a interpretação dos textos, ou seja, os discursos presentes nas fontes. De modo que o historiador deve interpretar os acontecimentos por meio de uma investigação da extensão e da natureza da vontade humana dentro dos mecanismos opressores da sociedade.

Segundo o italiano, o que importa é o estudo da ação humana diante das possibilidades oferecidas no contexto em que é estudado e não uma investigação voltada para uma análise de texto. O trabalho histórico não pode ser apenas reduzido à retórica, mas demonstrar outro tipo de interpretação do real, a qual seria a narrativa, onde a ação humana (e não o discurso) pode ser de fato rastreada e trazer à tona a complexidade cultural, social ou até econômica de um determinado período em um espaço específico.

Levi pontua duas características de formulação de narrativas: a primeira volta-se a demonstrar a história por meio de relatos de fatos sólidos, o verdadeiro funcionamento de aspectos da sociedade que seriam distorcidos pela generalização e metodologias funcionalistas aplicadas aos sistemas de regras e mecânica social.

A segunda característica é tida como aquela narrativa que busca incorporar os procedimentos realizados na pesquisa, as limitações e interpretações realizadas. Essa segunda característica rompe com a narrativa tradicional, o discurso autoritário, que apresenta a realidade como objetiva. A abordagem micro-histórica tem como característica tornar explícito o ponto de vista do pesquisador dentro da narrativa, e o envolvimento do leitor na construção do argumento histórico.

Segundo Levi, o “problema da técnica retórica liga-se àquele da busca da verdade, e estamos de acordo que, quando falamos de verdade, não falamos da verdade, mas de algo que, de certa maneira, parece efetivo, demonstrado e a ser debatido” (LEVI, 2017, p. 178). Na micro-história e também na historiografia recente, uma novidade positiva é a de também sugerir os limites da verdade na qual se crê: não se diz mais “ocorreu assim”, mas “desses elementos, tiramos esta conclusão”.

As críticas anteriormente expostas se ligam de maneira intrínseca às críticas estabelecidas pelo autor em relação ao uso da generalização na história. Levi acredita que a abordagem da micro-história se deu como resposta às insuficiências apresentadas pelas abordagens generalistas realizadas naquele contexto, existindo a necessidade de reorganizar a descrição do mundo social para torná-lo mais concreto. “Pode-se talvez dizer que para muitos a opção micro-histórica é uma espécie de declaração de desilusão, uma espécie de rebelião contra o fato de certas generalizações não responderem adequadamente aos problemas que colocávamos” (LEVI, 2017, p. 166).

Para o autor, a micro-história compreende problemas gerais, onde pode existir alguma discrepância inexplicável, ou talvez imperceptível. E, com a aplicação do método de redução de escala, torna-se possível perceber sugestões e indicações, outras realidades. É a mudança de escala para “complicar” o quadro.

As administrações Trabalhistas em Pelotas (1951-1955 / 1959-1963)

Em relação à pesquisa sobre as administrações Trabalhistas em Pelotas é possível fazer um uso muito objetivo da Micro-História, pois ao estudar tal objeto, é viável estabelecer um vínculo explicativo do contexto estadual e nacional do período delimitado. Quando os trabalhistas obtinham expressivos resultados eleitorais e governavam também o estado, e participavam do governo federal. Além de constituírem um grupo político que polarizava com as elites políticas mais tradicionais das três esferas da República.

O contexto Histórico em que a pesquisa está inserida pode ser dividido em aspectos distintos: o contexto da História de Pelotas, da política estadual e da política nacional. Os três aspectos representam elementos singulares dando à pesquisa maior variedade de olhares e interpretações. O contexto não é um quadro único, e cada quadro possui lógicas próprias.

Uma abordagem mais consistente precisa ser realizada sobre cada partido político, atuante em Pelotas. Especialmente, sobre o Partido Trabalhista Brasileiro, que foi a principal força de contestação aos partidos mais identificados com a fração mais tradicional da elite local, quais sejam, PSD e UDN. Por duas vezes, no período de quase vinte anos, o PTB conquistou o cargo de prefeito de Pelotas, primeiramente com Mário Meneghetti (1951-1955) e, depois, com João Carlos Gastal (1959-1963).

Mário Meneghetti nasceu em Porto Alegre, no dia 17 de julho de 1905, formado em Medicina, na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1923. Começou a carreira de médico na Viação férrea rio-grandense, nomeado para o departamento estadual de saúde, em Pelotas. Ainda atuou no Instituto de Higiene de Pelotas em 1929 sendo seu diretor em 1930, Catedrático da Faculdade de Medicina de Pelotas em 1938; Foi vereador e prefeito de Pelotas pelo PTB e ministro da

Agricultura pelo Partido Social Democrático (PSD) no governo Juscelino Kubitschek, de 1956 a 1960. Foi, também, cofundador da Sociedade de Medicina de Pelotas, que presidiu. Recebeu o título de Cidadão Pelotense em 11/12/1967. Faleceu no Rio de Janeiro em 1969, aos 64 anos de idade.

João Carlos Gastal nasceu em Pelotas em 05 de fevereiro de 1915 e faleceu em Porto Alegre em 01 de maio de 1986. Formado em Direito, foi Promotor Público e Juiz Municipal. Destacou-se no campo político desde os anos 1950, quando foi eleito vereador, deputado estadual e prefeito da cidade de Pelotas, pelo PTB. Ligado ao trabalhismo de Vargas, Goulart e Brizola, foi articulador da Campanha da Legalidade em Pelotas, quando ocupava o Paço Municipal, em 1961.

Durante os anos de 1950 e 1962 o PTB também elegeu os seguintes quadros com base eleitoral em Pelotas e região sul: Miguel Olivé Leite Deputado Estadual no ano de 1950 com 5.066 votos; Osmar da Rocha Grafulha Deputado Estadual nos anos de 1950 (6.969 votos) e 1954 (6.630 votos) e Deputado Federal nos anos de 1958 (19.260 votos) e 1962 (18.271 votos); Sylvio da Cunha Echenique Deputado Federal em 1950 com 10.802 votos; e João Carlos Gastal (já mencionado anteriormente) Deputado Estadual em 1958, com 11.008 votos.

O trabalhista Osmar da Rocha Grafulha nasceu na cidade do Rio Grande. Porém, transferiu-se para Pelotas, onde se formou pela Faculdade de Ciências Econômicas de Pelotas, em 1934. Assumiu as Secretarias de Economia, posteriormente, de Administração e de Energia e Comunicação no governo de Leonel Brizola. Conforme consta em seu perfil biográfico do CPDOC | FGV.

O Partido Trabalhista Brasileiro ainda formou bancadas numerosas no parlamento pelotense (conforme é apresentado no quadro 1), demonstrando sua forte base social. Desde a fundação de Pelotas, a cidade foi governada pela elite econômica, primeiramente a charqueadora, posteriormente, com o advento da República, a elite que fez a transição da economia do charque para a do arroz. Apenas com a redemocratização de 1945, a elite pelotense foi contestada, no campo da política, pelos trabalhistas do PTB. Isto conduz à constatação de ser pertinente a realização de estudo sobre esse agrupamento político.

O partido que governou Pelotas mais vezes no período foi o PSD, também criado por Vargas, porém com uma constituição diferente:

O Partido Social Democrático (PSD), surgiu para capitalizar os efeitos de quinze anos de controle político dos interventores em cada unidade da federação, ativar para dentro da estrutura partidária as benesses da máquina administrativa estadual e operar a capacidade dessa máquina de se ramificar pelo interior do estado até atingir o eleitorado dos municípios. [...] Era um partido de profissionais, adorava o poder e, para conservá-lo, seus líderes combinavam a contagem meticulosa dos votos recebidos com uma bem calculada repartição de cargos e recursos públicos (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 392).

O PSD, que estava à esquerda direita e à direita da esquerda, como dizia Ernani do Amaral Peixoto, genro de Getúlio, contava com políticos de grande prestígio e capacidade de articulação e negociação, no país: Tancredo Neves, Juscelino Kubitschek, Ulysses Guimarães e Benedito Valadares. E, em Pelotas, elegeu três prefeitos, hegemonizando a máquina pública municipal, eram eles: Joaquim Duval, Adolfo Fetter e Edmar Fetter.

Quadro 1: composição da Câmara Municipal de Pelotas 1947-1966

	1947 11 vereadores	1951 18 vereadores	1955 18 vereadores	1959 16 vereadores	1963 19 vereadores
1	Arthur Bachini 1013 votos	Pedro Bachini S° (PSD) 1005	Mário Mene- guetti (PTB) 3565	Paulo Brasil Amaral (PTB) 217	Elberto Madruga (PTB/MDB)1477
2	Erich Fiss Jr. (PSD) 865	Álvaro S Bar- cellos (PTB) 949	João A Saraiva (PTB) 1006	Pedro Bachini S° (PSD) 1357	Lélio Souza (PTB/MDB) 1288
3	Augusto M Cos- wig (PSD) 835	Rubens Mar- tins (PTB) 715	Pedro Bachini S° (PSD) 958	Elberto Ma- druga (PTB) 1018	Pedro Bachini S° (PSD/ARENA) 1226
4	Afonso Franz 760	Wolney Vieira (PSD) 686	Wolney Vieira (PSD) 859	José A Sa- raiva (PTB) 1006	Francisco Antunes (PSP/ARENA) 1169
5	Hipólito Ribeiro (PSD) 621	João Carlos Gastal (PTB) 576	Alberto Brião (PSD) 658	Francisco Mo- raes (PR) 921	José Pederzolli S° (PSD/ARENA) 1116
6	Alvacyr Faria Collares (PSD) 587	Fernando Pe- reira (PSP) 569	Jaime G Wetzel (PSD) 623	Antonio Curi (PTB) 913	Amadeu Weinman (PTB/MDB)1086
7	Leopoldo Wes- tendorff (PSD) 573	José Cheffe Rahal (PTB) 565	Teodoro Bes- cow (PSD) 616	Volnei Vieira (PSD) 816	Clayr Rochefort (PSD/ARENA) 972
8	José Faustini 528	Olavo P Couto (PTB) 504	José Tim (PTB) 550	Darci Adam (PSD) 742	Anaor Mizette (PSD/ARENA) 945
9	Ariano R Carva- lho (PSD) 516	Darcy T Ta- tesch (PTB) 478	Carlos G Sica (PL) 549	Vicente Real (PR) 714	Francisco Moraes (PTB/MDB) 921
10	Aristides Bitten- court (PSD) 458	Francisco Silva (UDN) 481	Paulo Brasil Amaral (PTB) 532	Anaor Mizette (PSD) 706	Carlos Villela (PSD/ARENA) 654
11	Jacob Brod F° (PSD) 372	Elberto Ma- druga (PTB) 448	Elpídio Oliveira (PR) 498	Jaime Wetzel (PSD) 709	Carlos A Garcia (PDC/MDB) 643
12		Alberto Reichow (PSD) 402	Basileu Cam- pelo (PTB) 441	José Pederzolli S° (PDC) 565	Antonio G Silva (UDN/ARENA) 621
13		Walter Bonow (UDN) 362	Francisco Silva (UDN) 424	Francisco Santos (PTB) 493	Vicente Real (PR/ CAS- SADO) 595
14		José Bachieri Duarte (PL) 337	Cândido L Neto (PSP) 387	Francisco Silva (UDN) 492	Wolney Vieira (PSD/ARENA) 554
15		Idílio Vitória (PSD) 310	Elberto Ma- druga (PTB) 366	Celso G Sel- las (PTB) 465	José Karini (PDC/ARENA) 543
16		Estevão Reis (PL) 288	Mozart Rocha (PTB) 359	Estevão C Reis (PL) 343	Teófilo Galvão (PDC/ARENA) 498
17		João Antunes (PSP) 288	Maximiano Cirne (PSP) 358		Neri Dias (PL/ARENA) 344
18			Antonio Curi (PTB) 337		Paulo Oliveira (PSP) 294
19					Peri Cunha (PTB/MDB)

Fonte: Diário Popular 15/11/82; Vereador Vicente Real (ligado ao PCB) foi o único parlamentar cassado pelo Golpe Militar de 1964.

A redução da escala de análise propicia condições favoráveis para interpretar as peculiaridades desses agrupamentos políticos em sua atuação local, os arranjos e os conflitos que movimentaram a política no período. Além de permitir uma leitura mais consistente das semelhanças e diferenças entre os trabalhistas no campo local, e também estadual e nacional.

Outro aspecto da Micro-história que pode favorecer o entendimento da experiência trabalhista em Pelotas é o contexto, entendido como conjunto de elementos dotados de lógica própria, complexo.

Considerações finais

A Micro-história trouxe importantes contribuições à historiografia, especialmente em razão de sua característica mais peculiar, que é a redução da escala de análise. O olhar mais focado no objeto, como uma espécie de olhar com o microscópio, permite um enriquecimento da análise daquele. Ampliar os detalhes, encontrando semelhanças e, principalmente, as características mais singulares do objeto traz um ganho ao resultado final da pesquisa. A utilização da redução da escala como uma proposta que ajuda apreender problemas de pesquisa que não seriam possíveis de serem identificados em outra esfera é algo que justifica recorrer ao método da micro-história.

No entanto, outros elementos da Micro-história não são tão específicos de sua temática, por exemplo, o contexto. Os bons trabalhos historiográficos trazem a contextualização do objeto, em maior ou menor grau. Principalmente, quando são trabalhos biográficos, ou voltados ao estudo de trajetórias de algum personagem relevante historicamente. O contexto, por vezes, é o aspecto mais significativo.

Por outro lado, quando se trata da narrativa – nem tanto da descrição densa – a preocupação dos Micro-historiadores ganha importância, ao valorizar a preocupação com o entendimento do leitor. Não é demais lembrar a fama de maus escritores que os historiadores têm. Talvez consequência da prática amplamente difundida deles escreverem, na maior parte das vezes, aos seus pares, especialistas, e não ao público em geral.

O método da micro-história ajuda na pesquisa, na medida em que reduzir a escala para os trabalhadores pelotenses tornará possível verificar até que ponto o programa trabalhista pode ser generalizado, quando o foco não são as lideranças nacionais. Um aspecto levado em conta é a ideologia trabalhista, e a análise aproximada ajudará a entender como se constitui um agrupamento político. Alguns conceitos serão utilizados no desenvolvimento do estudo: trabalhismo, ideologia, classes sociais e elites.

Por fim, a Micro-história se mostra muito útil, principalmente na pesquisa de doutoramento, que é o foco da pesquisa sobre as administrações Trabalhistas em Pelotas nas décadas de 1950 e 1960. Mas, é preciso não esquecer a importância de um bom referencial teórico de aporte interpretativo, uma vez que a Micro-história não pretende cumprir esse papel.

Referências

BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da Micro-História. *OP/SIS* (UFG), v. 2, p. 167-185, 2007.

CPDOC | FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/>

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 169-178.

GINZBURG, Carlo. Introdução. In: *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 13-45.

GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 77-102.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. In: VENDRAME, Maíra *et all.* *Micro história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: OIKOS, 2015, p. 245-261.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2011, p. 133-161.

LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a Micro-história. In: MOREIRA, Paulo; VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (orgs.). *Ensaio de Micro-história: trajetória e migração*. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 18-31.

LEVI, Giovanni. O pequeno, o grande e o pequeno: Entrevista com Giovanni Levi. *Revista Brasileira de História* [online]. 2017, v. 37, n. 74, p. 157-182. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-07>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LIMA, Henrique Espada. Micro-História. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 207-223.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 15-38.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, p. 234-244, 2010.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Nota de autoria

Daniel de Souza Lemos é doutorando em História pela Universidade Federal de Pelotas. Possui Licenciatura em História, bacharelado em Direito e mestrado em Ciência Política pela UFPel. Especialista em Ensino da Sociologia para o Ensino Médio pela UFRGS. Membro dos conselhos editoriais das revistas *Crítica Marxista* (UNICAMP-São Paulo) e *História e Luta de Classes* (GT História e Marxismo da ANPUH). E-mail: danielslemos@yahoo.com.br.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

LEMONS, Daniel de Souza. A Micro-história no estudo das administrações trabalhistas em Pelotas (1951-1955 /1959-1963). *Sæculum – Revista de História*, v. 26, n. 44, p. 74-85, 2021.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E com apoio da FAPERGS.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em 22/01/2021.

Modificações solicitadas em 09/04/2021.
Aprovado em 11/05/2021.